

Prevenção de comportamentos de risco na adolescência

Guia para profissionais e mediadores familiares



2012

O que é o empowerment/fortalecimento familiar

Empowerment é o processo em que as pessoas trabalham em conjunto para efectuar mudanças nas suas comunidades e exercer mais poder e influência sobre as questões que lhes interessam. O conceito de poder é central nas ciências sociais como um dos pilares que sustenta as sociedades. A definição de empowerment é complexa e integra diversos significados, que exigem contextualização e esclarecimento. A definição aqui proposta é a mais adequada para a ideia de fortalecimento familiar. Essa definição tem em conta o conceito sobre poder de Weber (2005), entendido como **cada oportunidade ou possibilidade numa relação social que permite a um indivíduo cumprir sua própria vontade**, assim como a definição de Foucault, afirmando que o poder não é uma instituição ou uma estrutura, não é uma força com que somos dotados, mas sim **o nome que damos a uma situação estratégica complexa numa sociedade particular**. O poder não é essencialmente repressivo, pois **incita energia, provoca e produz**. Ele é exercido mais do que apreendido, uma vez que não têm uma forma permanente (Foucault, 1994).

Com o apoio financeiro da **Prevenção de Drogas e Programa de Informação** da União Europeia.



O PROJETO EFE. APRESENTAÇÃO

O European Family Empowerment (EFE) é um projecto desenvolvido ao longo de 2010-2012, com o financiamento da UE. O objectivo principal é criar as condições para o fortalecimento das organizações familiares no sentido de prevenir os comportamentos de risco que afectam os adolescentes, principalmente relacionados com o uso de substâncias psicoativas. Numa primeira fase, equipas de especialistas de seis países europeus (Eslovénia, Espanha, Portugal, Reino Unido, República Checa e Suécia) investigaram a realidade social das famílias e quais as organizações que as representam em cada país. Para o efeito, procedeu-se à revisão da literatura, entrevistaram-se líderes de associações de pais, organizaram-se focus groups com pais e adolescentes e aplicaram-se questionários a uma amostra de mais de 12.000 adolescentes e respectivos pais. Os resultados foram partilhados e discutidos entre todos os países.

Os resultados mais relevantes são apresentados neste guia, bem como as conclusões e futuras recomendações. Os profissionais que pretenderem informação adicional podem consultar os projectos e as publicações que foram produzidas no âmbito deste projecto.

Neste guia, vamos apresentar alguma informação, fundamentada social e analiticamente, facultando sugestões em torno de alguns temas. O nosso propósito é motivar profissionais e pais interessados em fortalecer e envolver/capacitar outros pais na prevenção. Para isso, vamos fornecer informações sobre: i) os determinantes do uso de drogas na adolescência; ii) de que forma os profissionais e as famílias podem compreender e prevenir o consumo de drogas e consequentes comportamentos de risco. Tudo isso com base em informação útil, actualizada e fundamentada em evidência científica.

Informação adicional sobre o projeto
pode ser encontrada no site do
IREFREA, ou na plataforma online:
www.irefrea.org
www.preveccionfamiliar.net

INFORMAÇÕES IMPORTANTES

Os pais devem saber que o uso e abuso de drogas como o álcool, tabaco ou cannabis é uma prática comum no estilo de vida dos adolescentes de hoje. Isto porque há circunstâncias, muitas vezes externas à família, que promovem ou facilitam que o consumo de tais substâncias ocorra. Neste manual vamos descrever algumas dessas circunstâncias e identificar o que profissionais ou representantes de organizações de pais podem fazer para evitar esse consumo e os riscos relacionados. Se os pais estiverem conscientes desta realidade, podem tornar-se os principais agentes de prevenção de comportamentos de risco nos filhos.

A quem se destina este guia

Este guia foi elaborado como um material de apoio para profissionais da área da prevenção, serviços de saúde, justiça, educação e sociais, assim como para os dirigentes/directores de organizações que estão interessadas em desenvolver programas na área da prevenção e fortalecimento familiar.

Compreender um problema é o primeiro passo para o prevenir, mas muitos pais desconhecem o problema ou acham que não precisam de ser agentes preventivos porque os seus filhos não consomem ou não estão ainda na adolescência. Muitas vezes, os profissionais de prevenção deparam-se com o pouco envolvimento das famílias nos programas dedicados a pais e educadores. Assim, um dos maiores desafios,

tanto para os profissionais como para as pessoas responsáveis por estas associações/organizações, é fazer passar a mensagem aos pais com filhos "normais", isto é, sem comportamentos de risco graves, de que eles são os melhor posicionados—para se envolverem no trabalho de prevenção, uma vez que estão em vantagem pela sua proximidade.

Objetivos

Este documento complementa e amplia as informações básicas que constam no Guia de Prevenção para Pais. Fornece a evidência científica que suporta as afirmações e propostas no referido Guia para Pais mas, acima de tudo, pretende fornecer orientações para uma abordagem mais ambiciosa e inovadora de prevenção, que dê a liderança às famílias como um colectivo capaz de agir, tanto no seio da família e como a nível social. Nesta perspectiva, as famílias são a espinha dorsal para a prevenção dos riscos ambientais que afectam os seus filhos.

O que há de específico na dimensão EFE de prevenção?

O nosso objectivo é que ele se torne num guia que incentiva a constituição de alianças entre pais para melhorar as competências os pais e desenvolver habilidades para desempenharem as suas funções educativas com mais sucesso.

Os profissionais devem saber que a chave para o fortalecimento familiar é o acesso ao conhecimento, portanto:

- O primeiro desafio é fornecer dados, e respectiva análise, para envolver todas as famílias na prevenção e para ajudar a superar o equívoco de que a prevenção é uma questão de famílias com problemas. Prevenção significa trabalhar/agir para evitar o aparecimento de dificuldades/problemas. Se os problemas ocorrerem, então são necessárias a outras formas de acção que podem ser complementadas com o tratamento.
- Um segundo desafio é fornecer informações que permitam o desenvolvimento de estratégias de prevenção baseadas em evidência científica. Isto é, fornecendo informações actualizadas sobre o contexto social, pesquisa sobre os factores de risco e de protecção que afectam os grupos-alvo, e experiências preventivas avaliadas.
- Outro desafio é levar a prevenção familiar para além da esfera doméstica. Aumentar a perspectiva dos pais sobre o seu potencial e suas capacidades de intervir como agentes de prevenção. Muitos programas de prevenção estão limitados à interacção dos pais com os seus filhos, mas, quando se trata de adolescentes, essa interacção não é suficiente. Os consumos (e outros comportamentos de risco) ocorrem principalmente fora de casa, assim sendo os pais devem considerar explorar, desenvolver e aplicar o seu potencial para intervir em espaços sociais, para além da esfera familiar.
- Ainda outro desafio é superar a ideia errada de que os programas de prevenção são um compêndio de receitas destinadas a reorientar os comportamentos dos pais. Os profissionais envolvidos na prevenção familiar devem desenvolver uma pedagogia mais interactiva que permita que os pais sejam os gestores da sua própria formação.

Os pais precisam de ferramentas. Nós precisamos de conhecimento, mas, acima de tudo, precisamos de ferramentas práticas e concretas. Quando os pais têm um problema, não podem sobrecarregar com teorias da adolescência.

Precisamos de um discurso que possamos compreender, de ferramentas práticas que nos permitam agir. Não é que não existam, mas não chegam aos pais??. (ES-Pai-PS)

O papel dos profissionais deve ser o de facilitador e mediador

•

❖ **A abordagem: fortalecimento familiar na prevenção do consumo de álcool e outras drogas**

Muitos autores concordam que a capacitação é essencial nos processos para melhorar a vida humana. Esta abordagem supõe mudanças nas interações humanas para conseguir certos objectivos sociais. A ideia de "fortalecimento da família" é central na promoção da saúde. As pessoas podem melhorar sua saúde, se estiverem conscientes dos potenciais problemas e se tiverem capacidade de agir para prevenir ou reduzi-los.

Entre os riscos que afectam muitos adolescentes europeus, o álcool e outras drogas estão entre os mais preocupantes, uma vez que estão relacionados com outras situações de risco (Hibellet al. 2007). O consumo afecta dimensões básicas da vida das crianças (tais como a saúde, a segurança, a autonomia e a liberdade).

O sucesso na prevenção destes comportamentos de risco é uma tarefa que requer "engenharia social" e que exige adaptação às condições tecnológicas e culturais do nosso tempo, que moldam o estilo de vida dos nossos jovens (como as novas tecnologias, uma maior mobilidade, mais tempo de lazer, a oferta de entretenimento, etc.).

Os pais têm um papel privilegiado na compreensão da dimensão das mudanças dos seus filhos, portanto, estão também na melhor posição para trabalhar para a promoção de medidas sociais que evitem esses riscos.

Esta ideia supõe uma mudança de paradigma, pois coloca os pais como o elemento central para promover a mudança.

Já que os pais são os melhores posicionados para antecipar riscos, as instituições públicas e privadas, assim como os técnicos de prevenção devem ter em consideração os pais, as suas opiniões e apoiar/facilitar a implementação de programas e estratégias de

Os profissionais podem facilitar processos tais como incentivar a criação de redes de famílias, desenvolver estratégias interactivas de prevenção e, acima de tudo, fazer a mediação entre as organizações de pais e as instituições de apoio.

acordo com as suas necessidades. As famílias são elementos mais próximos dos jovens, aqueles que estão conscientes das necessidades deles e que sofrem as consequências quando surgem problemas.

Fortalecer as famílias integra formação em comunicação e habilidades de gestão familiar de forma a capacitar os pais para que possam mais eficazmente criar e transmitir a sua visão e valores de vida, ajudando a descobrir novas alternativas, a tomar decisões, a influenciar pessoas e superar problemas ou falhas. É, portanto, necessário capacitá-los para a liderança.

Atualmente a prevenção de comportamentos de risco ultrapassa a esfera familiar e tem de actuar para além das "fronteiras das nossas casas". Por outro lado, famílias "organizadas" têm um potencial enorme. Fortalecer é provocar mudança nas interações humanas no sentido de atingir objectivos sociais. Os precisam de ser reforçados na sua capacidade de agir para alcançar resultados desejados, neste acaso o uso

de substâncias. Os pais precisam ser reforçados na sua capacidade de agir em questões importantes, nomeadamente a prevenção do uso de substâncias pelos filhos. Capacitar é fortalecer os indivíduos e as organizações que se sentem a enfraquecer mas que, uma vez capacitados e organizados, ganham força como um colectivo e podem contribuir com resultados no dia-a-dia.

Franklin D. Roosevelt disse, "Nós nem sempre podemos construir o futuro para nossa juventude, mas podemos construir a nossa juventude para o futuro". Famílias capacitadas são mais susceptíveis de garantir que seus filhos vão crescer capazes de construir o seu próprio futuro, libertando-os das influências que podem prejudicar a integridade das crianças; influências que agem em nome de outros interesses que não têm em conta a saúde ou a segurança ou a liberdade de tomar decisões responsáveis.

❖ **Manter o controlo das condições que enfraquecem as famílias**

Muitos pais expressam dificuldades em compreender as novas influências, códigos, símbolos e culturas do seus filhos e de como estes organizam as suas vidas. Vivemos hoje num mundo globalizado, onde o uso da internet e os novos estilos de lazer e entretenimento criaram novas necessidades dos consumidores, os jovens. Tudo isto implica reaprender a lidar com este novo mundo e as suas exigências.

Face a estas mudanças, alguns pais não possuem as competências necessárias e por isso perdem oportunidades de compreender e gerir de uma forma equilibrada as mesmas.

Por outro lado, **o mercado e indústria recreativa, que são bem organizados num esforço para um ganho económico, aprenderam a fazer dos jovens os seus aliados como consumidores.** Existem muitas empresas que, através de seus produtos e fins comerciais criam identidades e promovem comportamentos e estilos de vida que são muito atraentes para o público jovem.

Os profissionais devem apoiar os pais na promoção de espaços de lazer saudáveis, nocturnos ou diurnos, livre do uso de substâncias para contrariar a hegemonia actual da vida nocturna e lazer

Os jovens actuam em redes organizadas com os seus pares. Os jovens europeus desfrutam de condições físicas, tecnológicas, culturais e económicas que lhes permitem actuar de forma organizada, dando-lhes o poder de várias formas, embora nem sempre orientado para fins positivos para o seu bem-estar.

O Estado, a escola e alguns profissionais assumiram um papel hierárquico superior ao das famílias. Em parte, isso levou a uma certa invisibilidade das famílias no processo de tomada de decisão sobre questões que os afectam directamente.

Este guia é proposto como sendo uma ferramenta para explorar novas áreas na prevenção familiar. Pretende apenas ser um guia com estratégias e direcções. Na sua análise deve ter-se em consideração as contínuas mudanças que ocorrem no tempo, no espaço, entre culturas e grupos.

Sugerimos que os profissionais continuem a desenvolver abordagens conceptuais que os orientem em direcção a um novo modelo social

❖ Os comportamentos de risco na adolescência. O uso recreativo de substâncias psicoativas

O tempo de diversão e lazer tem provocado mudanças consideráveis entre os jovens nos últimos anos. O consumo em massa e excessivo de álcool nos fins-de-semana (Hughes et al 2011) é um novo fenómeno com implicações desconhecidas para a maioria dos pais, o que dá origem a uma variedade de interpretações entre eles. Por isso, enquanto alguns pais preferem proibir os seus filhos de participar nos eventos em que o uso de substâncias psicoativas é mais comum (por exemplo, festas e saídas à noite) outros agem de forma mais permissiva permitindo que seus filhos decidam se querem ir ou não, ou se querem beber ou não.

Em geral, os pais desculpam os comportamentos de risco dos filhos, por vezes com argumentos estereotipados como "toda a gente faz isso" ou "assumir riscos faz parte de ser jovem", ou, ao lembrarem-se da própria juventude dizem "eu também fiz isso quando eu era jovem". No entanto, tanto aos pais mais proibicionistas e autoritários como aos pais permissivos faltam-lhes argumentos e informações fundamentais para desenvolverem uma abordagem coerente e esclarecida junto dos seus filhos adolescentes.

O lazer e a diversão constituem um elemento central nos estilos de vida dos jovens de hoje e, muitas vezes, é muitas vezes o contexto onde as suas identidades e o seu capital social são construídos. Embora as pessoas sempre tenham tido uma vida nocturna, divertindo-se, estando com amigos e indo a festas, as redes sociais tornaram-se a vida da juventude atual um novo fenómeno que apresenta novos recursos.

Grande parte do tempo de lazer é gasto à noite é vivido a noite, e está associado a certos ambientes, estilos musicais e de vestuário, bem como ao consumo de substâncias que causam dependência, nomeadamente o álcool, mas também outras drogas. Estas substâncias exercem muitas funções no "imaginário juvenil" como o sentimento de pertença a um grupo de amigos, a sensação de prestígio, o experienciar novas sensações e a possibilidade de ter acesso a um parceiro sexual, entre outros.

Nas últimas décadas, em países como Portugal, apareceram contextos mais permissivos e facilitadores de consumo como os festivais e concertos onde o *binge drinking* é macivamente praticado, sem qualquer controle sobre a idade legal ou horário.

Este modelo hegemónico, consolidado ao longo dos últimos 20 anos, tem facilitado o surgimento de vários problemas e comportamentos de risco (acidentes, assaltos, poluição sonora, sexualidade de risco, condução sob a efeito de álcool e drogas, etc.) mas também assistimos à emergência de uma forte indústria recreativa (Hughes et al, 2012). Embora o consumo esteja normalmente limitado ao fim de semana, tem aumentado e desenvolvido problemas de abuso entre os jovens que afecta a sua relação com a escola, o trabalho, o futuro e a família.

O uso de substâncias como um facilitador para se divertir é uma mudança não apenas dos jovens europeus, uma vez que está a ser "exportado" para outras economias desenvolvidas ou emergentes, como outro exemplo da crescente homogeneização num mundo globalizado. De qualquer forma, apesar do facto de a diversão na juventude estar cada vez mais associada ao uso de drogas (experimental, ocasional ou frequente) é contraproducente e falso associar o consumo de substâncias psicoativas aos jovens. Um grande número de jovens diverte-se sem usar substâncias, enquanto desenvolvem um controlo adequado e auto-controle sobre muitos aspectos de suas vidas.

Não se deve inferir que o comportamento dos consumidores é uma decisão individual, pois as influências que os jovens recebem são de grande importância e necessitam ser tidas em conta. Muitas das crenças são transmitidas culturalmente e devem ser esclarecidas. Por exemplo, alguns acreditam que divertir-se é melhor do que ser saudável (Sumnall et al, 2010), e assimilaram que a diversão está intimamente relacionada ao uso de drogas, crença favorecida pelo facto de que o conjunto de substâncias relacionadas e utilizadas para diversão são referidas como "drogas recreativas". Estas são de grande difusão e fácil acesso. Poderíamos dizer que constituem uma forma de melhorar a diversão, a resistência e novas experiências.

Além disso, no nosso meio, há uma grande permissividade em relação ao consumo de drogas. O acesso a drogas legais é regulamentado, mas as restrições não são devidamente aplicadas. O mercado das drogas ilegais é muito diversificado no tipo de substâncias, através de canais de fornecimento micro e macro. A grande acessibilidade e disponibilidade são de grande relevância, especialmente sobre os adolescentes que têm um acesso fácil ao álcool (Gosellet al., 2012).

Treinar os jovens a enfrentar a pressão para o uso de drogas é a principal estratégia adoptada por muitas instituições que trabalham no domínio da prevenção da toxicod dependência (Burkhart, 2011). E, embora já tenha sido dito que não é suficiente, este é o ponto onde a família pode desempenhar um papel crucial. Os pais podem ajudar a estabelecer os factores de protecção, dentro e fora do contexto doméstico e familiar. As famílias podem definir regras de sair à noite e de consumo de álcool (ou outras substâncias), e monitorização o uso de novas tecnologias (navegar na web e acesso a redes sociais) onde os filhos podem estar sujeitos a estratégias ou contactos de marketing prejudiciais.

Profissionais devem promover entre os pais uma análise crítica das suas crenças. Educar os filhos como pessoas livres não inclui ser permissivo ao consumo.

Muito pelo contrário, substâncias psicoactivas atuam como um poderoso elemento de controlo social entre os adolescentes.

Os pais podem também aumentar o seu conhecimento sobre os amigos dos seus filhos e respectivos pais, estabelecendo regras comuns com eles. Os pais podem criar redes de apoio mútuo com os professores e outros pais, onde encorajam os seus adolescentes a se envolverem em actividades divertidas e saudáveis que, por vezes, envolve toda a família.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES

A prevenção fortalece e facilita a socialização. Socialização significa a transmissão de atitudes, normas, crenças e comportamentos. Por essa razão as famílias devem desempenhar um papel fundamental na socialização das crianças.

Os profissionais que trabalham em parceria com organizações sociais, podem facilitar a desenvolver este papel da família, criando e realizando estratégias de formação para que as famílias se organizem e fortaleçam no seu papel preventivo.

❖ Família como o principal agente da prevenção do uso de substâncias psicoativas

O uso pelos jovens de drogas lícitas e ilícitas é um problema grave de saúde pública. As intervenções preventivas tentam reduzir a ocorrência de novos casos, atrasar a idade de início, ou reduzir as hipóteses de o consumo inicial se tornar uma dependência. Para atingir esses objectivos, tentam reduzir ou eliminar a influência que os factores de risco possam ter nos comportamentos dos indivíduos, reforçando simultaneamente os factores de protecção. Os factores de risco são definidos como aqueles elementos pessoais, situacionais ou contextuais que aumentam a probabilidade de uso de drogas, tanto na experimentação como no uso regular, enquanto os factores de protecção são aqueles que reduzem o risco em ambas as fases (Calafat et al., 2009).

Quanto mais pequena for a criança, maior é a influência da família uma vez que, ao atingir a adolescência, os chamados "pares" (colegas e amigos) vão ganhar maior influência sobre o comportamento deste

Entre o conjunto de factores de risco que são mais realçados pelos investigadores, os factores familiares destacam-se. O uso de drogas está

relacionado com o processo de socialização do indivíduo, em que a influência da família é importante, já que é nesta esfera de influência onde adquire crenças, valores e hábitos que podem ter uma influência na probabilidade do uso de substâncias.

Isso não significa que há uma relação causal entre a influência da família e uso de drogas no filho. Mas é inegável que as práticas parentais são fundamentais para a prevenção de comportamentos de risco no uso de drogas.

Os seguintes capítulos deste guia fornecem informações teóricas e dados actualizados para que os profissionais que trabalham com os pais os possam ajudar a desenvolver estratégias orientadas para a promoção e interacção das famílias, e outras organizações intermediárias, com o objectivo de prevenir o uso de substâncias psicoactivas.

Os seguintes cinco capítulos incluem informações de diferentes origens: resultados qualitativos e quantitativos do estudo, dados do EFE, avaliação de outras investigações e estudos elaborados por profissionais do projecto, com a colaboração de representantes de organizações de pais e outros parceiros. A informação é organizada em torno de dois eixos: I) o que os pais devem saber sobre o uso de drogas na adolescência, II) o que os pais podem fazer para o evitar, tendo em conta tanto as famílias individualmente como as famílias organizadas em rede. Estas duas dimensões são complementares, uma vez que a partir do conhecimento providenciado pelo primeiro surgem as acções de prevenção sugeridas no segundo eixo. A informação descreve a realidade social, usando dados empíricos, que é explicada e complementada com outras teorias, estratégias e recursos, com vista a fornecer orientações sobre onde e como agir.

Capítulo 1. Qual o conhecimento que os pais têm acerca do uso de drogas pelos seus filhos?

• Factores de risco no uso de drogas

Há um conjunto de problemas de comportamento associados ao consumo de álcool e outras drogas nos jovens, como o risco de acidentes e agressões, violência, insucesso escolar, crime e comportamentos anti-sociais, e comportamentos sexuais de risco, que têm um grande impacto sobre as famílias, tanto em termos económicos como pessoais, e provocam uma grande preocupação social. Portanto abordar estas questões deve ser prioritário em programas de prevenção. Dada a elevada prevalência de uso de álcool e cannabis nos jovens, os programas de prevenção devem tentar reduzir os factores de risco associados a estes consumos, aumentando os factores protectores.

Os resultados apresentados na Tabela 1 conduzem à seguinte a uma conclusão: **Os pais tendem a subestimar o consumo dos seus filhos.**

Se os pais estivessem mais conscientes dos riscos que envolvem os seus filhos, provavelmente investiriam mais tempo e recursos para enfrentá-los. No entanto, como mostram os

dados, o conhecimento dos pais sobre o uso de substâncias dos filhos é extremamente vago, em termos gerais, e tende a subestimar o consumo real. Isso pode explicar, em parte, por que é que os pais não participam com maior frequência em actividades preventivas ou porque têm dificuldades práticas no desenvolvimento de uma intervenção precoce.

Tabela 1: Consumo dos adolescentes de acordo com respostas dos pais e as dos filhos

Adolescentes que:	PAIS	ADOLESCENTES
Bebem álcool	22%	56%
Estiveram embriagados pelo menos uma vez no último mês	1,7%	14%
Já fumaram tabaco	3,1%	47%
Fumam diária ou semanalmente	3,1%	11%
Já usaram cannabis	6,9%	23,4%

Embora os factores familiares sejam particularmente importantes, não podemos esquecer outros factores que são a chave para entender o consumo de substâncias psicoactivas nos jovens. Factores como a escola, o bairro e os amigos com quem interagem; factores contextuais, tais como normas, crenças e hábitos sociais, determinantes económicos, apoio social recebido, disponibilidade e acessibilidade a drogas, pressão dos colegas podem ter um efeito significativo sobre no uso da substância.

O uso de álcool, tabaco e outras drogas estão-altamente correlacionados, o que significa que o uso de uma destas substâncias pode aumentar a probabilidade de o consumo de uma das outras. Portanto, parece que os factores de risco que podem favorecer o uso de substâncias podem ser, em geral, comuns a todas as substâncias. Em particular, o abuso de drogas entre os adolescentes é frequentemente associado a comportamentos anti-sociais e pobre desempenho escolar. Este deve ser tratado o mais cedo possível, uma vez que constitui um sério risco para a saúde.

A monitorização parental é importante que comece desde muito cedo, e que se mantenha ao longo do seu desenvolvimento. Em certos casos, quando os filhos chegam à adolescência, os pais relaxam-se na sua tarefa de supervisão. A supervisão continua é uma das principais estratégias que os profissionais devem transmitir às famílias.

Às vezes os pais constituem, por si só, um factor de risco no uso de substâncias nos filhos. Os factores de risco familiares para o uso de drogas com suporte empírico podem ser divididos em dois grupos principais: os factores directos e os indirectos (Secades Villa& Fernández Hermida, 2002).

Factores directos são o uso de drogas dos pais e/ou atitudes favoráveis em relação ao consumo.

Factores indirectos ou gerais não são principalmente relacionados com o uso de drogas, mas exercem uma influência no desenvolvimento de diferentes padrões de comportamento perturbador, incluindo o uso de drogas. Entre os factores indirectos mais citados vem o que tem sido definido como "má educação". Tal comportamento é caracterizado por baixo envolvimento dos pais, baixa supervisão e monitorização e aplicação inconsistente de disciplina. O que poderia ser definido como "ausência de monitorização." Vários estudos têm comprovado a relação entre a baixa supervisão dos pais e acompanhamento e o desenvolvimento de problemas de comportamento nos filhos (Crouter&Head, 2002)

Os profissionais devem estar cientes de que o conhecimento dos pais sobre o consumo de risco dos filhos pode ser um factor determinante para que os pais mostrem maior interesse em participar na prevenção ou intervenção precoce.

O que é a monitorização parental?

O controlo parental é definido como um conjunto de comportamentos parentais que envolvem algum conhecimento e controlo sobre o comportamento dos filhos, dos seus contextos e determinantes (Dishion&McMahon, 1998). Monitorização significa ter informação e a capacidade de estruturar ativamente o contexto no qual os filhos vivem. Evidentemente, a monitorização tem de se adaptar às características dos filhos

Assim, a monitorização nos estádios iniciais da criança está mais limitada à casa e à escola, enquanto durante a adolescência, a esfera para cobrir é mais ampla, incluindo redes de amigos, contextos recreativos ou relações afetivas.

Voltando para o consumo dos adolescentes, os pais parecem um pouco ingénuos ao avaliar o uso de substâncias pelos filhos, embora tenham uma maior percepção de facilidade de acesso às drogas do que os seus filhos.

Tabela 3: Facilidade de acesso a drogas (fácil ou muito fácil) de acordo com a resposta dos pais e seus filhos.

	Pais	Adolescentes
Cannabis	65,5%	58,3%
Cocaína	32,1%	26,0%
Ecstasy	34,1%	16,2%
Anfetaminas	34,8%	12,6%
Heroína	19,9%	14,1%
Mefedrona	19,2%	6,2%

Assim, embora os pais estejam conscientes de que o acesso às substâncias é muito fácil, não parecem entender que isso pode ter um efeito sobre o consumo de substâncias nos filhos. Consequentemente, eles não têm em conta que é tudo o que afecta uma comunidade é susceptível de afectar os seus próprios filhos, por um efeito de contágio. Portanto, querendo evitar esses riscos, têm que agir colectivamente.

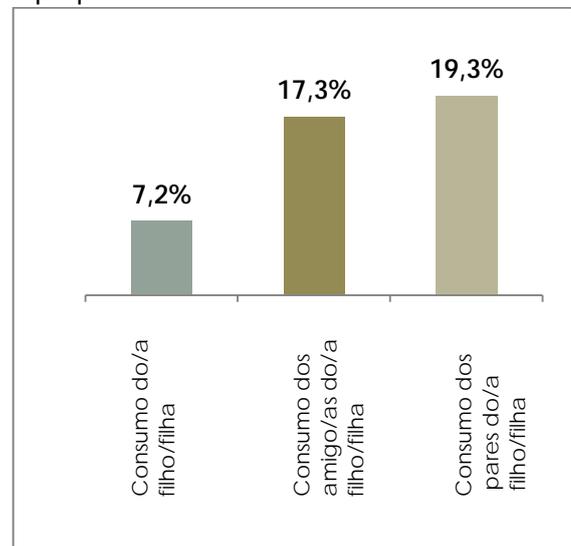
A percepção dos pais sobre o consumo real dos filhos, é influenciada por variáveis como o estilo parental, problemas de comportamento em idade precoce, a resistência ao "controlo parental" e do tipo de relação pai-filho.

É importante compreender o que acontece fora de casa, as actividades em que estão envolvidos. Estas informações ajudam os pais a compreender as influências a que estão sujeitos os filhos.

O consumo dos filhos *versus* os consumos dos amigos dos filhos e os consumos dos pares

Embora 23% dos adolescentes digam ter fumado cannabis ocasionalmente e 1,4% ter experimentado cocaína, apenas 6,9% dos pais pensam ou sabem que o seu filho/filha consumiu uma droga ilegal. Esta percepção ingénuo da realidade acerca do consumo dos seus filhos desaparece quando os pais são questionados sobre o uso de drogas dos adolescentes com quem os seus filhos estão relacionados.

A percepção dos pais sobre os amigos dos seus filhos e hábitos de consumo dos seus pares está mais perto da realidade do que ao expressar o consumo próprios filhos. Diante disso, devemos perguntar: Por que é que os pais, apesar de estarem conscientes de que as outros filhos usam drogas, são tão ingénuos sobre o consumo dos seus próprios filhos?



Os profissionais devem informar os pais de que os factores sociais e individuais estão interligados.

O que acontece na comunidade tem implicações para os indivíduos que pertencem a essa comunidade.

Um estilo educativo é um tipo de educação determinada por factores dentro e fora do contexto familiar no qual a monitorização é uma das principais componentes da prevenção.

Estilo educativo

Estilo educativo é um conceito relacionado com a monitorização. Os conceitos de informação e acompanhamento parental estão intimamente relacionados. A informação pode ser entendida como uma causa ou efeito do controlo.

A monitorização envolve a obtenção de informações sobre os lugares, companheiros e comportamentos dos filhos, quer os pais estejam ou não fisicamente presentes. A informação é o resultado de tarefas de controlo, mas também pode ser um elemento importante para explicar a sua implementação (Racz&McMahon, 2011). O efeito a médio e longo prazo pode ser paradoxal. Assim, foi demonstrado que os problemas de comportamento precoces produzem a médio prazo efeitos de “retirada dos pais”, reduzindo tanto o conhecimento sobre os comportamentos de risco dos filhos como as actividades de monitorização (Burke, Pardini & Loeber, 2008; Kerr, Stattin, & Burk, 2010, Willoughby & Hamza, 2011). Isto é, mais informação nem sempre está relacionada com um menor número de problemas de comportamento nos filhos.

Os profissionais devem saber que, de acordo com o estudo EFE, maior supervisão parental, conhecimento do que os filhos fazem, manter uma atitude restritiva para o consumo, ligação à escola do adolescente e desenvolvimento de

actividades extracurriculares que envolvam esforço, estão associados a um menor risco de uso de álcool e outras drogas. Em contrapartida, os jovens com comportamento normativo alterado, que frequentam uma escola de elevado nível socioeconómico e que vivem em cidades pequenas estão mais associados com uso de álcool e outras drogas.

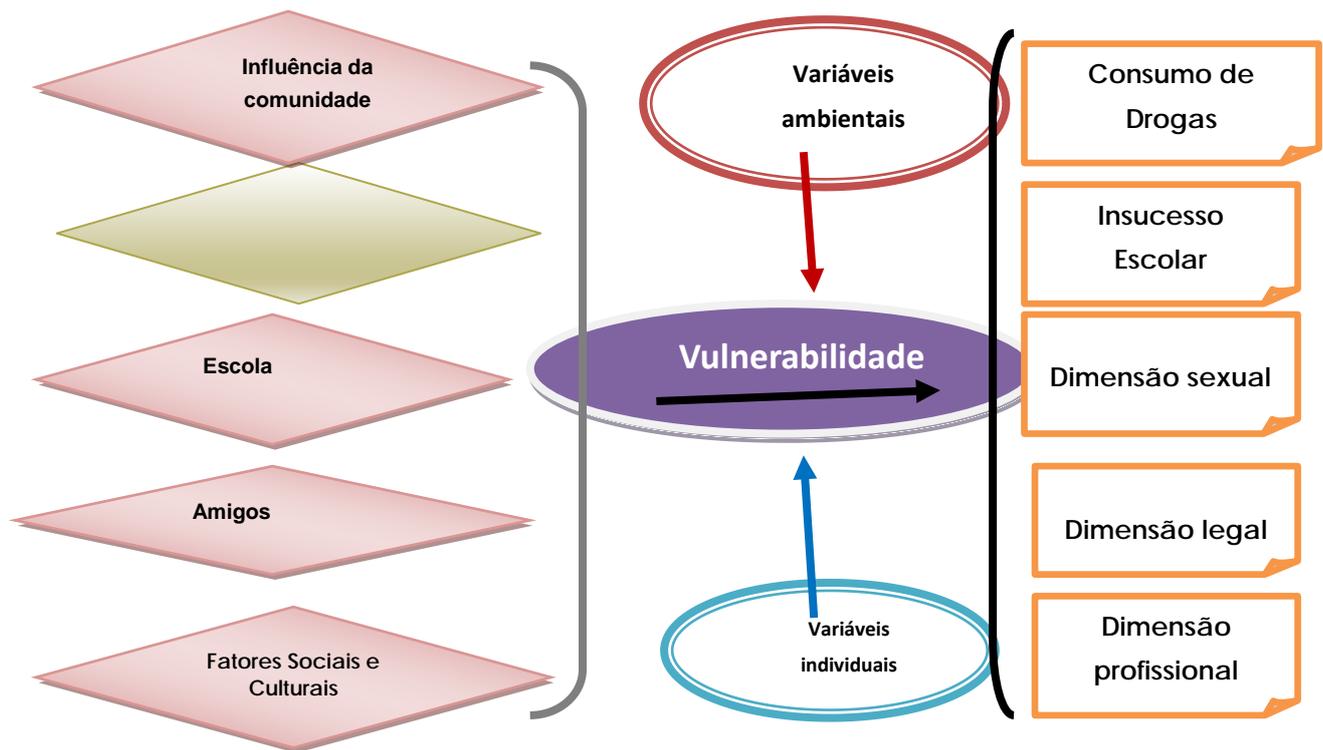
Conhecimento dos pais

O conhecimento dos pais refere-se a informações obtidas dos filhos ou derivadas do controlo exercido sobre os filhos, sobre questões por exemplo, como quem são os seus amigos ou onde eles estão quando não estão na companhia dos seus pais e o que eles fazem.

Geralmente, o conhecimento dos pais sobre os comportamentos de risco dos filhos, e factores associados, é analisado com base nas respostas dos próprios jovens. A maioria da literatura sobre conhecimento dos pais foca, sobretudo, na percepção que os jovens têm sobre o conhecimento de seus pais (R. Laird, Marrero, & Sherwood, 2010)

Os factores de risco e de protecção são diversos e actuam como variáveis contextuais na vulnerabilidade dos jovens, influenciando os seus comportamentos de risco, entre os quais está o uso ou abuso de drogas (ver Figura 1). A acção desses factores ocorre numa complexa constelação de situações e comportamentos, em que os factores interagem modulando os seus efeitos.

Figura 1



Capítulo 2. Comunicação

Informar e argumentar sobre drogas é importante, mas os pais precisam saber que isso não é suficiente como uma acção preventiva. Os jovens de hoje têm acesso a uma infinidade de informações sobre substâncias, e cerca de metade deles falam sobre as drogas e os riscos relacionados com os seus pais. Os pais precisam estar cientes de que a informação que fornecem vai ser interpretada de acordo com outros inputs poderosos (contextos, media, cultura dos jovens e estilos de vida, normas formais e informais, etc.) Portanto, os pais devem lidar com essas influências e estar cientes de que os seus filhos não estão imunes a fontes exteriores.

As fontes de informação para os pais sobre o comportamento dos seus filhos são três:

- Em primeiro lugar são importantes as revelações que os próprios filhos fazem, espontaneamente e por iniciativa própria;
- A segunda resulta de perguntas dos pais, ao questionar os seus filhos sobre os seus planos, amigos ou actividades;
- A terceira é decorrente do controle exercido pelos pais sobre os filhos, para que possam

participar em actividades de acordo com condições previamente estabelecidas.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES

Dar aos filhos regras claras sobre o consumo de álcool é mais útil do que falar com eles sobre os riscos da sua utilização. (Van der Voorst et al 2005 e 2006)

Estas fontes de informação estão interrelacionadas, sendo possível que as alterações numa conduzem a mudanças noutra.

Sabe-se que um aumento da procura de informação por parte dos pais pode reduzir a comunicação voluntária dos filhos. Embora o contrário também possa acontecer, ou seja, a falta de vontade, por parte dos jovens, para fornecer informações pode levar ao estabelecimento de uma estratégia dos pais para reunir mais informações ou aumentar o controle

sobre o comportamento dos filhos (Kerret al, 2010; Willoughby & Hamza, 2011).

Também se verificou que um papel muito activo por parte dos pais em busca de informações (solicitação dos pais) pode ter o efeito paradoxal de empobrecimento do conhecimento dos pais, a médio prazo, uma vez que reduz as informações divulgadas pelos adolescentes, e está associada a problemas de comportamento das filhos (de Kerr ,et al, 2010; Willoughby & Hamza, 2011).

Há uma relação bidireccional entre filhos e pais que poderia explicar a evolução do conhecimento dos pais.

A fonte a partir da qual a informação é obtida é muito importante. Em geral, demonstrou-se que um maior nível de conhecimento dos pais está associado com um menor nível de problemas comportamentais nos filhos.

No entanto, a médio e longo prazo (mais de um ano), apenas a comunicação espontânea de informações pelos filhos melhora o nível de conhecimento dos pais (Kerretali, 2010).

Parece que o surgimento dos primeiros problemas comportamentais "motiva" os pais a realizarem tarefas de monitorização, o que pode eventualmente tornar-se ineficaz, pois incentiva o surgimento de estratégias "anti-controle" da parte dos filhos e a reduzirem a quantidade de informação espontânea dada aos pais.

A informação de que os pais voluntariamente recebem de seus filhos é fundamental e este facto deve ser abordado em programas de prevenção.

Num estudo de 2003 (Fernandez Hermida, et al., 2003), que utilizou uma amostra de díades pai-filho, verificou-se que os pais de jovens que usavam álcool e outras drogas e tenderam a subestimar o consumo de filhos e superestimar o controle exercido sobre eles. Mais especificamente, 41,7% subestimaram o uso de tabaco e 46,7% o uso de álcool, enquanto apenas 9% dos pais cujos filhos consumiram cannabis estavam cientes deste consumo. Como visto noutros estudos, esta relação entre superestimação de controlo e subestimação do consumo é frequente (Kerret al., 2010).

Esta sequência, no entanto, lança luz sobre um facto importante. Uma vez que há a percepção de que os filhos estão numa série de situações de risco, deve ser um poderoso incentivo para a participação dos pais em programas de prevenção e implementação de tarefas de monitorização. Os programas de prevenção devem incluir a formação em estratégias de monitorização para garantir os efeitos positivos esperados de tal supervisão parental.

Nós [os pais] preocupamo-nos com tudo. Em relação ao meu filho de 17 anos, eu preocupo-me com as festas, saídas... Eu acho que ele não usa drogas, mas não me surpreenderia se ele já tivesse feito. Eu não tenho coragem de lhe perguntar, embora tenhamos uma relação próxima. Ele prefere ir a festas populares em cidades pequenas, porque não gosta de discotecas. Ele vai a "botellons" (mas toda gente faz "botellons"), quer goste ou não. Eles não têm escolha, se não fizerem "botellons". Todo a gente vai passar essa fase,... O que é lamentável é que temos de sofrer (ES-Mãe-PS).

Tanto um estilo parental pró-activo, estilo autoritativo, como uma relação pai-filho positiva facilitam a precisão do conhecimento dos pais. Se, como dito acima, a fonte primária através da qual os pais obtêm a maioria das informações sobre os seus filhos são as declarações voluntárias sobre o que eles consomem, onde eles consomem, com quem é que eles consomem, etc., não pode ser surpreendente que uma atitude paterna procurando estabelecer uma relação boa e positiva com o filho produz os melhores resultados.

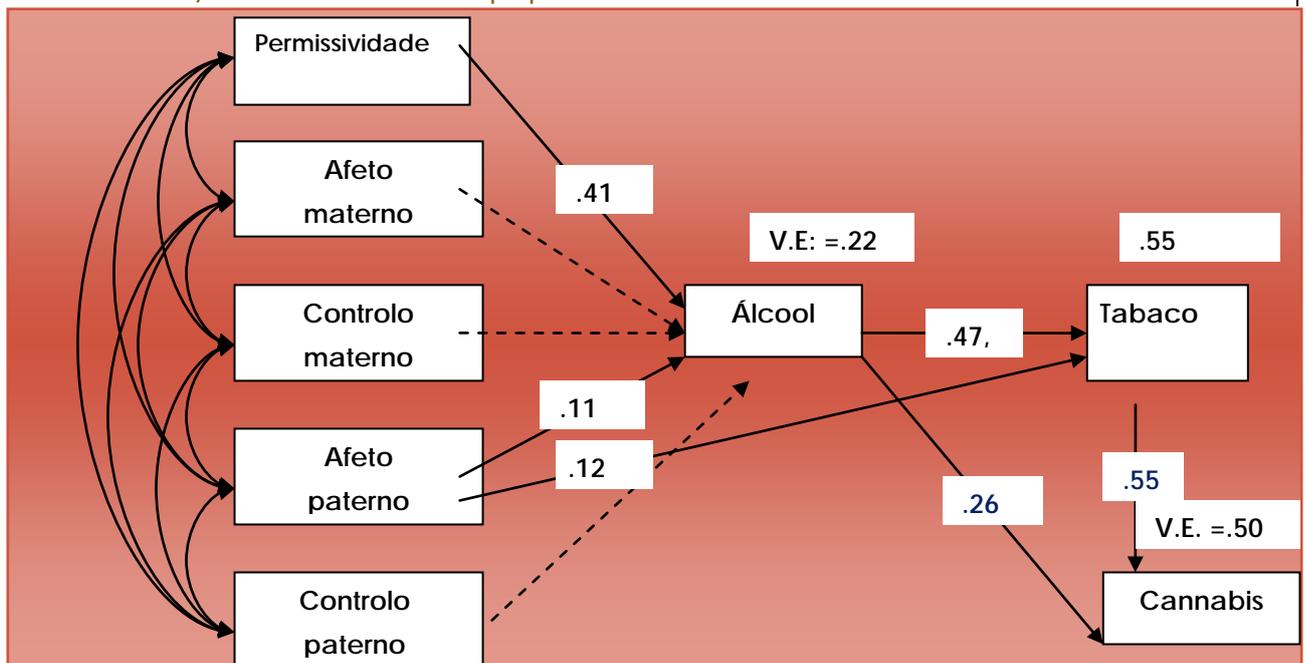
“Nós [os pais] preocupamo-nos com tudo. Sobre o meu filho 17 anos, eu preocupo-me com as festas, saídas... Eu acho que ele não usa drogas, mas não me surpreenderia se ele o tivesse feito. Eu não tenho coragem de lhe perguntar, embora tenhamos uma relação próxima. Ele prefere ir a festas populares em cidades pequenas, porque não gosta de discotecas. Ele vai a "botellons" (mas todagente faz "botellons"), quer goste ou não Eles não têm escolha, se não fazer "botellons". Todo mundo vai passar essa fase,.. O que é lamentável é que temos de sofrer (ES-Mãe-PS).

Por outro lado, se o filho exhibe precocemente problemas de comportamento, atitudes negativas em casa ou rejeição ao controle, então a qualidade de informações fornecidas aos pais deteriora-se. Assim, os filhos que mostram, desde idades precoces, extrema resistência à influência dos pais pode levar a que os pais se retirem dos seus deveres ou a estar mais ligados aos filhos. Tanto uma situação como a outra são atitudes extremamente ineficientes para a obter informação de qualidade.

Capítulo 3. Conflitos entre pais e filhos

Um dos assuntos mais recorrentes quando se fala com os pais de adolescentes é estarem em permanente situação de conflito ou confronto. As informações colectadas ilustram esta questão e destina-se a ajudar os pais a pensar sobre isso.

Os profissionais devem saber que, de acordo com EFE, a ligação dos adolescentes à escola e prática de actividades extra-escolares que envolvem algum esforço, uma maior supervisão dos pais e uma atitude restritiva dos pais em relação aos consumos estão associados com menor consumo de álcool e drogas. Por outro lado, adolescentes com regras de conduta alteradas e/ou a frequentarem uma escola de alto nível socioeconómico e/ou vivendo em cidades pequenas estão associados com o aumento do consumo de álcool



Definir regras e limites envolve um grande esforço por parte dos pais e alguns vêem como interminável a “batalha” com seus filhos. As discussões são típicas durante o período da adolescência, quando os jovens começam rebeliões sobre tudo; enquanto passando por um elevado sentido de irascibilidade que aumenta o sentimento de alguns pais de se ter tornado num “ogre” para seus próprios filhos.

Os dados da Tabela 3 fornecem informação sobre as questões que pais e filhos discutem de acordo as respostas dos pais e dos filhos. Todos os itens apresentam uma maior percepção de discussão por parte dos pais. Nalguns casos, tais como "tipo de amigos", a percentagem de pais que aponta para isso como um elemento de discussão é 6,7 maior do que a percentagem de adolescentes.

Em qualquer caso, as questões menos discutidas entre pais e filhos (com percentagens que também diferem) são "comportamentos sexuais", "o uso do tabaco", "uso de álcool" e "uso de cannabis".

Os profissionais devem transmitir aos pais que deveriam NÃO se devem sentir culpados por discutir continuamente com os seus filhos pois os seus filhos não entendem o conflito tão intensamente quanto eles, as filhos vivem “o conflito” mais normalmente, como fazendo parte do relacionamento pais/filhos.

Tabela 3: Questões discutidas entre pais e filhos (muitas vezes / sempre) de acordo com os pais e as respostas dos adolescentes. Amostra de Palma de Maiorca

Problemas com ...	Pais	Adolescentes
Desempenho escolar	87,7%	36,3%
Tipo de amigos	68,7%	10,3%
Trabalhos domésticos	55,5%	29,5%
Utilização da Internet	54,8%	25,4%
Utilização de televisão	44,9%	13,9%
Ao chegar em casa mais tarde do que o esperado	42,4%	15,4%
Roupas escolhidas para vestir	30,1%	8,6%
Uso de telemóvel	29,4%	12,7%
Quantidade de dinheiro gasto	26,2%	18,5%

Comportamentos sexuais	22,1%	3,9%
O uso do tabaco	22,0%	4,5%
O uso de álcool	21,6%	3,8%
O consumo de cannabis	18,9%	3,8%

Antes pelo contrário, os adolescentes apreciam as discussões com os pais como uma expressão da preocupação (indirecta), ou seja, dos pais interessados e envolvidos que se preocupam com os filhos. Noutras palavras, os adolescentes interpretam discussões como um sinal de cuidado e afecto dos pais para com eles.

Hoje, os jovens passam grande parte do seu tempo de lazer fora de casa, desenvolvendo actividades extra escolares ou na companhia de seus amigos. Apesar de serem menores de idade, muitos saem à noite, durante o fim-de-semana para irem a festas com os amigos. Este envolvimento precoce em actividades de diversão nocturna leva a abandonar outras actividades que ocorrem de dia e estar cada vez menos tempo com a família, substituindo progressivamente pela companhia do grupo de amigos.

O grupo de pares, como um grupo de referência, atinge a sua máxima importância durante a adolescência e início da idade adulta. É neste período que o consumo de drogas começa. Em geral, os jovens começam a experimentar substâncias legais, como o tabaco e o álcool, quando têm 13-14 anos, e podem experimentar outras substâncias como cannabis e outras drogas quando atingem 15-16 anos de idade (Botvin e Griffin, 2010; OEDT, 2011). Após esta experimentação, numa idade precoce, alguns jovens vão continuar a usar drogas na adolescência e início da idade adulta ou mesmo prolongar esse consumo durante a idade adulta. Portanto, é muito importante atrasar a idade de início, uma vez que está associada com a redução de futuros problemas relacionados com substâncias (Huurre et al, 2010; Spoth, Trudeau, Guyll, Shin e Redmon, 2009).

O controlo dos pais é fundamental quando se evita a exposição às oportunidades. Sabe-se que, se a supervisão dos pais em relação aos filhos é escassa ou inexistente, é mais provável que as filhos experimentem drogas. Daí a importância de os pais saberem o que seus filhos fazem, tanto quando em estão em casa como quando saem com os amigos. Por outro lado, é muito

importante estabelecer uma boa linha de comunicação entre pais e filhos para facilitar a prestação de apoio, quando necessário.

Uma grande proporção de pais não sabem o que seus filhos fazem quando vão sair ou passam tempo com os

amigos, ou demonstram ingenuidade, pois, apesar de cientes do fácil acesso às drogas e sabendo que os amigos de seus filhos consomem, não consideram que os seus filhos podem estar a fazer o mesmo.

Capítulo 4. Possibilidades preventivas das famílias: Estilos parentais.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES

Monitorização parental é protectora em relação ao binge drinking e ao uso de álcool e outras drogas, mesmo em comunidades de elevado risco (Lee, 2012)

Dependendo da forma como os laços familiares são desenvolvidos, a vinculação constitui a base da relação pais e filhos. A vinculação pode ser reforçada através do desenvolvimento de competências parentais para apoiar os filhos, o estabelecimento de uma boa comunicação pai-filho e um grande envolvimento dos pais.

Em muitas famílias ainda são as mães que são responsáveis pela educação das filhas, facto que deve ser levado em conta, uma vez que é necessário envolver, tanto quanto possível, os pais também.

Os profissionais devem saber que os pais que têm atitudes claras em relação ao uso de drogas e controlam o tipo de amigos com que seus filhos convivem têm mais sucesso em reduzir o uso de droga nos seus filhos e nos amigos dos filhos. Por isso, é falsa a crença de que os pais não podem influenciar o comportamento de seus filhos ou não podem fazer nada para os filhos mudarem, pois as evidências científicas sobre o tema indicam o contrário (Copello et al., 2005). Isto indica que os pais têm uma incidência directa e indirecta sobre o consumo ou não consumo de drogas pelos seus filhos, bem como no grupo de pares do seu filho.

Sob esta perspectiva, os pais podem agir aplicando diversas possibilidades preventivas:

1) Exercitando um estilo parental apropriado.

Verificou-se que os estilos parentais têm uma influência sobre o comportamento dos filhos. Duas variáveis desempenham um papel fundamental nos estilos parentais: controle e afeto. O controlo refere-se às restrições e obrigações estabelecidos pelos pais, enquanto o afeto refere-se ao grau de carinho e aprovação dos pais que mostram aos filhos. De acordo com estas duas variáveis, os especialistas consideram quatro diferentes estilos parentais.

Os estilos parentais estão relacionados com a prevenção de consumos que afectam os filhos. Apesar de se ter em mente que os estilos parentais por si só não são suficientes para prevenir, pois são praticados de forma isolada e restrita à esfera doméstica. Os dados da EFE permitiram-nos ilustrar como eles funcionam:

- **Permissividade dos pais é o principal factor de risco para consumo.**
- **O controlo parental é um factor preventivo** se exercido de forma eficaz e, sobretudo, fora de casa.
- **Para evitar o consumo,** é essencial estabelecer regras claras sobre o que não é permitido.
- Algumas **diferenças de género** devem ser abordadas na prevenção. Apesar de estilos parentais parecerem exercer uma maior influência preventiva nas meninas, se surgirem problemas, os meninos superam-nos mais facilmente do que as meninas.

De acordo com dados da EFE, os estilos parentais atuam na mesma direcção nos seis países pesquisados. Os autoritativos-democráticos e os estilos de compreensão e diálogo estão associados a uma redução dos problemas, ao contrário do que acontece com a autoridade repressiva e os estilos negligentes. Além disso, uma revisão recente (Becoña et al., 2012) mostra que o estilo parental democrático está associado com menor consumo de substâncias legais e ilegais, nos filhos. Enquanto o estilo negligente está relacionada, na maioria dos estudos analisados com o uso de substâncias psicoativas. Para o estilo autoritário e compreensivo (indulgente), os estudos publicados não permitem concluir se estão ou não associados com o maior uso de substâncias pelos filhos.

ESTILOS PARENTAIS (segundo Garcia & Gracia)

Estilo parental autoritativo. Os pais que são ao mesmo tempo exigentes e sensíveis, que aceitam e incentivam a progressiva autonomia de seus filhos. Mantêm regras flexíveis e uma comunicação aberta com as crianças. Cuidam bem dos filhos e mostram-lhes afeto. Ao aplicar uma punição, são razoáveis e exercem o controlo firme. Aplicam uma disciplina indutiva, explicando a finalidade das regras e mostram abertura para discutir os argumentos com eles.

Estilo parental autoritário (Repressivo). Os pais que estabelecem normas com pouca participação do filho, esperando que as suas ordens sejam cumpridas. Exerce uma disciplina com base nas reivindicações do seu poder e as suas exigências são muitas vezes inadequadas ou irracionais. O não cumprimento da regra acarreta punição severa, muitas vezes física. A comunicação é pobre, as regras são rígidas e a autonomia é limitada. Portanto, o filho tende a ser solitário, medroso, tímido, e irritável e mantém pouca interação social, tem falta de espontaneidade e falta de controlo interno. Durante a adolescência, enquanto as meninas tendem a ser passivas e dependentes, os meninos tornam-se rebeldes e agressivos.

Estilo parental indulgente (O chamado permissivo ou compreensivo). Os pais caracterizam-se pela sua vontade de atribuir um raciocínio lógico durante a transmissão de regras para os filhos, mostram carinho e comunica bem com os filhos promovendo uma relação de confiança. As exigências para com as crianças são fundamentadas, usam o diálogo para chegar a um acordo e levam os filhos a cumprirem as suas obrigações. Os filhos são obrigados a um comportamento maduro e responsável. Em troca tendem a não utilizar estratégias coercitivas ou de punição, quando os filhos se comportam mal. Promovem a independência, a individualidade e um alto grau de auto-estima.

Estilo parental negligente (Indiferente). Os pais que não estabelecem limites nem proporcionam carinho. Focalizando as tensões na sua própria vida, não têm tempo para se dedicar aos filhos. Se a pessoa é também hostil para os filhos, então eles tendem a mostrar impulsos destrutivos e comportamentos anti-sociais ou criminais.

Há três razões para explicar porque o estilo autoritativo e de compreensão e diálogo são os mais adequados para a parentalidade: I) permitem um equilíbrio adequado entre controlo e autonomia do jovem; II) as trocas comunicativas promovem tanto o desenvolvimento intelectual como as competências psicossociais e, III) o carinho e afeição facilitam as tentativas dos pais de socialização tornando os filhos mais receptivos.

2) Sabendo, em todos os momentos, o que os filhos fazem.

A educação dos filhos é responsabilidade dos pais, bem como garantir que eles tenham as necessidades básicas cobertas e garantir que, eventualmente, os filhos se tornem adultos adaptados ao ambiente em que vivem. Isso exige saber quais são as etapas de desenvolvimento das crianças e os comportamentos relacionados que podem ser esperados em cada etapa. Para fazer isso, os pais precisam aprender a diferenciar entre "controlo" e "interferência". Os pais devem exercer algum controle, maior ou menor, dependendo da idade do filho e problemas enfrentados, respeitando a privacidade do adolescente. Daí a importância de os pais serem familiarizados com as várias fases de desenvolvimento dos filhos.

3) Manter uma preocupação activa sobre o que os filhos fazem.

Significa mostrar interesse, cuidado, carinho, empatia e compreensão para com o que os filhos fazem e sentem, tendo em conta as suas dúvidas e preocupações, e facilitando a comunicação. Isto tornará mais fácil para os filhos pedirem aos pais apoio ou assistência, se necessário. A família desempenha as funções de minimizar os factores sociais que influenciam os filhos no uso de drogas (Botvin e Griffin, 2010). Por isso, embora o excessivo controlo parental sobre os comportamentos dos filhos não é apropriado, também não o é a despreocupação.

Por exemplo, a boa integração na escola, grande envolvimento com os estudos e aprendizagem e satisfação com o esforço que os estudos exigem, juntamente com a supervisão das actividades que realizam, são todos factores de protecção em relação ao consumo de álcool e outras drogas.

4) Estabelecer limites. Os adolescentes devem alcançar a autonomia e identidade, um inevitável processo que se desenvolve ao longo de diferentes fases. Cabe aos pais facilitar essa transição, enquanto impõem certos limites. Nas últimas décadas tem havido uma mudança nos estilos de lazer que favorecem os jovens irem para festa até de manhã. Isso aumenta os riscos de intoxicação, dirigir sob a influência de álcool e/ou outras drogas, acidentes rodoviários, sexo inseguro ou indesejado, etc. Os pais devem saber que o desenvolvimento da autonomia do adolescente e da identidade devem ser acompanhados por um controlo adequado, ou seja, definição normas e os limites apropriados.

A investigação indica que, quando os pais monitorizam o comportamento dos filhos, estes apresentam níveis mais baixos de uso de álcool, tabaco e cannabis (Alati et al, 2010;. Chassin et al, 2005;. Choquet, Hassler, Morin, e Falissard Chau, 2007; Moore, e Segrott Rothwell, 2010). Isto funciona tanto para prevenir como para retardar a idade de início (Velleman et al., 2005). Em qualquer caso, é importante ter em mente o efeito moderador sobre o nível de controlo e a forma como é possível o exercer. Sabe-se que quando o controle é excessivo, ou é exercido de uma forma muito coercitiva e os limites são muito restritivos, pode gerar problemas de rebeldia e de comportamento. Este é o ponto onde o afeto entra em jogo. Embora durante a adolescência muitos meninos e meninas rejeitem as manifestações de carinho, eles ainda precisam de sentir a proximidade de seus pais e sentir que estão ligados aos pais. (Olive e Vine, 2004).

Tabela 4: Ligação com a escola em estudantes bêbedos (no mês passado) ou o uso de cannabis (tempo de vida)

Percentagem de estudantes que	Total	Ter chegado bêbedo ***		Ter usado cannabis ***	
		Sim	Não	Sim	Não
São felizes na escola	68,8%	58,1%	70,5%	58,5%	72,1%
Têm dificuldade em prestar atenção na sala de aula	19,7%	34,1%	17,0%	30,2%	16,2%
Têm problemas em lembrar-se das coisas	17,5%	24,1%	16,4%	23,9%	15,7%
Têm problemas para manter-se com as tarefas escolares	10,7%	21,4%	9,0%	18,1%	8,1%

- 5) **Facilitar o desenvolvimento de autocontrolo nos filhos.** O Comportamentos de autocontrolo são necessários para o funcionamento humano. Isso exige aprender a resistir à tentação e adiar a recompensa. O autocontrolo, aprendido dentro da família, é um tipo de inteligência emocional que permite uma melhor adaptação ao ambiente, de tal forma que menos impulsividade e maior autocontrolo reduz o uso de drogas.
- 6) **Realizar uma transição suave entre a adolescência e a idade adulta.** O desenvolvimento precoce é um factor de risco que necessita de atenção. O uso de substâncias interfere no desenvolvimento físico e emocional e resulta no surgimento de problemas em áreas importantes da vida. Ao mesmo tempo, este consumo de droga pode estar associado tanto com o desenvolvimento precoce como com uma disfunção psicossocial, que pode ser responsável pelos acima mencionados.
- 7) **Manter uma comunicação adequada com os filhos.** Um claro factor de protecção no uso de drogas é manter uma boa linha de comunicação com eles. Isto supõe manter uma boa transmissão de normas familiares, bem como manutenção da coerência entre o que é dito e o que é feito. Durante a adolescência a comunicação entre os pais e o filho tende a deteriorar-se porque passam menos tempo juntos. Isso muitas vezes leva a uma redução no estabelecimento de normas e no cumprimento de regras, bem como no tempo de lazer apreciado pela família, o que permitiria uma melhor compreensão mútua e seria a favor de valores compartilhados. Os pais podem treinar e melhorar suas habilidades de comunicação, através de programas de prevenção que abordem o tema, o que resulta no aumento da sua capacidade preventiva.

Os dados da EFE indicam que na amostra portuguesa apenas 46,9% dos pais de Maiorca afirmou participar em actividades de prevenção organizadas na escola.

- 8) **Influenciando o grupo de pares** (Amigos e colegas de turma dos filhos). Para os adolescentes, o grupo de pares constitui um grupo de referência de grande importância. Eles passam a maior parte do seu tempo com o grupo de pares e, em conjunto, adquirem uma visão de mundo diferente da que eles recebem dos pais e da escola. Entre o grupo de pares, os adolescentes sentem-se seguros e compreendidos e desenvolvem um sentimento de pertença como uma parte importante de um todo. No entanto, tanto a família como a escola têm um grande impacto, tanto directa como indirectamente, sobre a relação entre o grupo de pares e isso é mais relevante do que se pensava anteriormente (Kandel, 1996).
- 9) **Detectar e tratar, se necessário, determinados factores de risco.** Distúrbios como defice de atenção e hiperactividade (TDAH), alterações de comportamento, insucesso escolar, ou isolamento, entre outros, devem ser tratados precocemente pois tais distúrbios são muitas vezes associados ao uso de drogas na adolescência ou, em extensão, ao uso em idade adulta (Copello et al., 2005). Os outros factores de risco associados à educação e ao desempenho escolar devem ser tratados também. Não é uma coincidência que a Espanha, é o Estado-Membro da União Europeia que mostra o maior índice de insucesso escolar e é também o país onde os adolescentes consomem mais cannabis e outras drogas ilegais.
- 10) **Abordar aspectos do desenvolvimento evolutivo e maturação do filho ao nível da escola e da comunidade.** Gestão académica e de competências de aprendizagem são também essenciais na prevenção. É importante considerar o desempenho académico, uma vez que um pior desempenho escolar pode estar relacionado com o consumo de drogas (Bachman et al., 2008). Além disso, garantir que a escola realiza um programa de prevenção adequado de drogas (Faggiano et al., 2008) e que as normas sociais, formais e informais, não facilitam o uso de drogas, sejam drogas lícitas ou ilícitas. Daí a importância de abordar a prevenção sob uma perspectiva ambiental (Burkhart, 2011).
- 11) **Problemas que afectam os pais.** Às vezes, são os pais que precisam de ajuda. Os pais podem enfrentar problemas de relacionamento, depressão, uso de drogas ou outro tipo de problemas no emprego ou financeiros. Em particular, e relacionado com o tema em questão, é muito importante analisar problemas de ajustamento conjugais ou uso de drogas que podem modelar o consumo dos filhos. Se estes problemas são reduzidos, da mesma forma seriam reduzido os factores de risco de abuso de drogas pelos filhos.

Capítulo 5. Possibilidades preventivas das famílias. Supervisão externa**Pais em rede**

A colaboração em rede de pais é fundamental como sistema de apoio, uma vez que permite que os pais partilhem as suas preocupações e soluções para problemas comuns relacionados com a parentalidade. Além disso, o trabalho em rede aumenta a supervisão dos pais, porque se partilharem estratégias, os filhos não podem usar os amigos como álibi ou desculpa para encobrir as actividades que os pais normalmente não permitiriam. Uma melhor colaboração entre os pais melhora o conhecimento dos pais e aumenta o conhecimento sobre os filhos, enquanto reforça a rede de apoio.

Eles (os filhos) têm de aceitar pequenas frustrações, têm que aceitar que o pais lhes digam que ainda não os deixam beber álcool. O problema é que os pais têm esse controlo em casa. Mas e fora de casa? Aí não sabemos o que se passa...(pai)

INFORMAÇÕES IMPORTANTES

A iniciação aos consumos de álcool, tabaco e outras drogas é um processo social, ou seja, está relacionado com estratégias ambientais e contextuais e insere-se na prevenção universal. O estilo parental dos pais dos amigos de seus filhos desempenha um papel importante nestes consumos (Cleveland, 2012)

Em diversas ocasiões este contacto é favorecido através das reuniões e actividades organizadas pelas associações de pais da escola. Também os encontros com outros pais na escola, enquanto se espera pelos filhos, ou no desenvolvimento de actividades extracurriculares, permitem que os pais conversem uns com os outros, sobretudo pais com filhos da mesma faixa etária. Mas, embora os pais compartilhem espaços próximos, muito poucos estabelecem uma relação "estratégica" com outros pais e perdem a oportunidade de exercer uma supervisão eficaz para prevenir os riscos que afectam os adolescentes.

A colaboração em rede entre pais traz múltiplos benefícios. Os pais aumentam os conhecimentos sobre cuidados e educação dos filhos, sentem-se acompanhados e apoiados quando têm de lidar com conflitos, ampliam as possibilidades de encontrarem soluções para os problemas mais comuns, etc. Mas este é um recurso inexplorado quer virtualmente (através de sites e blogs) ou fisicamente (escola, organizações de famílias e actividades recreativas).

Tabela 5: Os pais que falam outros pais quando os filhos vão para a casa de um amigo

Total	<13	14-15	> 16	Embriguez	Cannabis
65,4%	80,1	66,4	52,0	**	***

Apenas 65% dos pais estão activamente em contacto com os pais dos amigos de seus filhos, a fim de monitoramento. **Estas percentagens variam de acordo com a idade dos filhos, e tende a diminuir à medida que os filhos crescem. Os pais manterem contacto tem-se mostrado um factor de protecção contra a embriaguez e consumo de cannabis.** Uma simples chamada quando o filho está em casa de outra família revela-se útil para muitos propósitos: garante que o filho está lá, permite perceber as actividades que serão realizadas e se serão supervisionados pelos pais, também para dar a conhecer as regras e limites em sua casa e assegurar-se que elas são mantidas na outra casa. Ao lidar com a supervisão externa também temos de ter em conta a supervisão sobre as novas tecnologias de informação, para evitar que as filhos vejam páginas ou conteúdos indesejáveis ou para evitar a superexposição nas suas contribuições para as redes sociais.

Pais e a escola

É importante que os pais mantenham uma relação espontânea com a escola para ajudar a melhorar a adaptação, a socialização e desenvolvimento pessoal dos filhos. Os professores são hoje um elemento básico do processo de socialização dos filhos. Por isso há necessidade de os pais interagirem com os professores, juntamente com os alunos, para constituírem uma comunidade educativa que permita o desenvolvimento de um projecto partilhado. Embora esta abordagem se tenha mostrado muito benéfica em experiências de outros países (escolas promotoras de saúde), em Portugal ainda é visto como uma utopia.

Costuma dizer-se que os pais não têm tempo livre para passar com seus filhos, e muito menos para se reunir regularmente com os professores da sua escola, a menos que haja um caso especial que exige uma maior presença. Por outro lado, os jovens passam grande parte do seu tempo na escola e é aí que começam a maioria das suas amizades. Por isso é muito importante manter contacto regular com os directores de turma dos jovens, com os professores e outros monitores pois eles podem ser os primeiros a detectar problemas de comportamento, uso de substâncias, ou a companhia de amigos inadequados.

Pais e a comunidade

Os adolescentes, além da participação em actividades escolares, realizam muitas outras actividades no seu tempo livre. Nestas idades eles precisam de ser fisicamente activos e mostrar uma enorme capacidade de aprendizagem, enquanto experimentam mudanças físicas e emocionais que precisam de aprender a interpretar e aceitar.

As actividades que os jovens desenvolvem são chave para a prevenção. Muitas dessas actividades acontecem numa comunidade onde os pais poderão exercer a sua influência. Através de actividades de lazer e diversão, os jovens comunicam entre eles, relacionam-se e criam identidades de grupo, partilhando culturas e estímulos. Estas actividades são uma experiência de aprendizagem e proporciona-lhes novas habilidades que, embora contrariando as recebidas na escola ou em casa, exercem grande influência sobre a sua avaliação e gestão de comportamentos de risco; dependendo de questioná-las ou adoptá-las como parte do seu estilo de vida.

Os pais devem saber que o envolvimento nas actividades dos seus filhos funciona como um factor preventivo. Isso inclui tanto a criação do hábito de se envolver toda a família em actividades, como saber o que fazem, onde e com quem, quando as filhos não estão em casa. Obviamente, não se pode pretender saber o que alguém faz o tempo todo mas, como mencionado acima, pode ser obtido através de uma comunicação adequada com o filho, convidando seus amigos para passar algum tempo em casa e estabelecendo uma relação estreita com esses amigos, seus pais e escola. Isso não é difícil de fazer, nem ameaça a liberdade e a independência dos filhos. De facto, na prática, quando a relação pais-filhos é aberta e os pais sabem dos amigos, pais dos amigos e professores, a fluidez na comunicação é maior. Além disso, estabelecer normas e limites facilita muito a relação com os filhos porque assim sabem onde eles estão.

Tabela 6: As principais actividades praticadas regularmente (diária / semanal) por adolescentes para se divertir fora do tempo escolar	Total %
Uso da internet para actividades de lazer (chats, música, jogos electrónicos, etc.)	84,4
Participar activamente de desportos ou actividades atléticas	72,9
Sair com os amigos (shoppings, ruas, parques, etc)	69,3
Passatempos artísticos (tocar um instrumento, canto, desenho, escrita)	44,8
Jogar jogos electrónicos/computador	43,3
Livros de leitura para lazer (excepto livros didácticos)	36,9
Sair à noite (bar, pub, clube, partido)	31,0
Jogar em máquinas de jogos (ganhar dinheiro)	2,2

De acordo com os resultados da investigação da EFE algumas actividades de lazer estão associadas ao uso de substâncias, enquanto outros não o são. Isso não significa que essas actividades possam funcionar como factores de risco ou de protecção, mas os pais devem estar cientes disso e controlar as actividades associadas com o uso de substâncias psicoativas, promovendo as actividades não associadas com drogas.

Actividades de lazer associadas ao uso de substâncias psicoativas:

- O uso da Internet para actividades de lazer (chats, música, jogos)
- Passear com amigos
- Sair à noite (clubes, cafés, festas, etc)
- Jogar em máquinas de jogos

Actividades de lazer não associados com o uso de substâncias:

- Participar de desportos ou actividades atléticas
- Passatempos artísticos (tocar um instrumento, cantar, desenhar, escrever)
- Ler livros (sem ser para a escola)

A influência dos pais sobre os filhos é clara, não só na infância, mas também na adolescência, e até mesmo sobre os valores e objectivos que os jovens têm nas suas vidas futuras como adultos (Velleman et al., 2005).

O que devem os profissionais transmitir aos pais?

- Que os pais desempenham um papel importante na eleição dos companheiros de seus filhos e amigos (Velleman et al., 2005).
- Que embora possa parecer complicado, táticas de supervisão, tais como manter contacto com os pais dos amigos de seus filhos (para compartilhar estratégias, experiências e acompanhá-los em conjunto) funciona. Enquanto a maioria dos pais usam esse recurso para os filhos com idades precoces, é sobretudo abandonado quando os filhos atingem período da adolescência, quando é mais necessária, pois é o período em que eles começam ou aumentam o consumo. Portanto, deve-se incentivar os pais a continuar a acompanhar e monitorizar os filhos.
- Os pais que agem como um grupo, a partilha de estratégias, regras e limites, ganham segurança nas suas acções e garantem uma melhor aprendizagem na aquisição de estratégias adaptadas à idade dos filhos.

As acções de fiscalização externa que os pais podem desenvolver são parte do que é conhecido como a prevenção ambiental. Esta dimensão é a mais ambiciosa, complexa e importante da prevenção. Avançar nesta área seria corroborar o papel a ser desempenhado pela família na construção da sociedade.

Simplificando, a prevenção ambiental é intervir nos factores que promovem ou facilitam o uso de drogas como: a publicidade e campanhas de marketing pró-drogas; discursos nos media e programas de juventude; não aplicação da lei; falta de participação dos cidadãos na gestão de contextos recreativos onde os jovens participam para garantir que estes contextos atendem critérios de saúde e de qualidade; a promoção de valores pró-sociais; entre outros.

As novas tecnologias de informação (TI)

Um dos saltos qualitativos no discurso histórico dos últimos anos tem sido o surgimento de novas tecnologias, também conhecidas como tecnologias de informação (TI). Os adolescentes cresceram com tecnologias como o telemóvel e a Internet, que já fazem parte de suas vidas quotidianas.

Estas tecnologias, que facilitam um contacto rápido e imediato, têm avançado muito nos últimos anos, fazendo com que alguns pais se sintam anos desactualizados ou com poucas habilidades de gestão, enquanto seus filhos foram incorporando-as em todas as áreas de suas vidas: a escola, o lazer, os relacionamentos com amigos, etc. Portanto, uma boa gestão das TI tornou-se um requisito básico para os pais. Essas tecnologias, além de facilitarem a criação de redes de famílias, tornam os pais mais próximos da realidade vivida pelos seus filhos, como eles entendem o mundo e se relacionam com ele.

Ter filhos coloca o desafio de ter que se deslocar para o futuro com eles, se eles não estão sozinhos e desprotegidos. Isso implica a incorporação de novas tecnologias, não apenas para evitar que os filhos se desviem, mas para comunicar e interagir com eles também. As novas tecnologias também facilitam o acesso a informações sobre as filhos ou para os programas de prevenção que podem ajudar a entender o que fazer antes de surgirem problemas, ajudar a detectar o consumo ou lidar com comportamentos inesperados.

Um aspecto relevante que ainda está subdesenvolvido é o uso de TI para a prevenção, ou que os pais usem TI para desenvolver o apoio social e redes de mobilização, com vista à prevenção. As tecnologias de informação oferecem uma oportunidade única de compartilhar informações imediatamente para que outros pais possam consultar em qualquer altura, em caso de dúvidas ou problemas. Aqui os profissionais desempenham um papel fundamental como facilitadores desse processo.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES

Uma boa gestão das Tecnologias de Informação (TI) tornou-se um requisito básico para os pais. As TI, além de facilitarem a criação de redes de famílias, tornam os pais mais próximos da realidade vivida pelos seus filhos, como eles entendem o mundo e se relacionam com ele.

Confiança depositada no meio ambiente. A experiência de pertencer a uma comunidade.

Os pais devem ensinar aos seus filhos a experiência dualista de desenvolvimento como entidades individuais e enquanto sendo parte de um grupo. Cada uma destas dimensões reforça a outra e ambas são essenciais. Na adolescência a dimensão do grupo torna-se muito importante e é necessário encontrar um equilíbrio nesse processo entre ser um indivíduo e se tornar um cidadão. A confiança que tem noutros ajuda a indicar o grau de integração do indivíduo com o seu meio ambiente, pois permite ver como o indivíduo interage com o meio ambiente.

Confiança nas instituições

Durante o estudo EFE os adolescentes foram questionados sobre a confiança em diversos profissionais relacionados com seu bem-estar (médicos, professores, policias e os membros do governo), bem como sobre as pessoas na sua comunidade. Os resultados mostram que entre o consumo relativo (embriaguez e uso de cannabis) e a confiança, há diferenças significativas entre os que consomem e os que não, sendo os mais confiantes aqueles com menor consumo. É importante que os pais e os profissionais de prevenção tenham em conta esta informação como um elemento a ser incorporado na faixa de prevenção. A confiança está relacionada ao reconhecimento e respeito das normas sociais de convivência, bem como na defesa de bens colectivos.

Tabela 7: O nível de confiança dos adolescentes.		Total
Profissionais	“Eu posso confiar ...	
	No meu médico	79,5%
	Nos meus professores	72,3%
	Na polícia	64,1%
	Membros do governo	28,4%
Vizinhança	As pessoas no meu bairro são confiáveis	54,9%
	Eu vivo num bairro unido	47,0%
	As pessoas no meu bairro estão dispostas a ajudar seus vizinhos	58,2%

Em conclusão: Se a prevenção é tão importante por que não há mais famílias a participarem em programas de prevenção familiar?

Programas de prevenção familiar geralmente oferecem módulos projectados especificamente para promover a implementação de estratégias de monitorização, mostrando formas mais eficazes para supervisionar. No entanto, a falta de envolvimento dos pais nestes programas é muitas vezes um dos principais problemas (Alhalabí-Diaz et al., 2006). Muitas vezes os pais são relutantes em relação aos programas de prevenção, sendo os pais de filhos com mais problemas os menos envolvidos (Hill, Goates, e Rosenman, 2010). E, como se constatou, são precisamente os pais de filhos com problemas de consumo aqueles que normalmente têm menos sentido da realidade. Outros pais não demonstram interesse na prevenção do uso de drogas (ou outros riscos relacionados), porque acham que é um problema que não afecta os seus filhos ou familiares, mas sim os filhos de outras famílias e, portanto, não vêem necessidade de se envolver ou agir. Estes pais devem ser informados de duas coisas:

- 1. A probabilidade dos filhos consumirem é menor entre os filhos de pais que se preocupam em evitar esses riscos e se envolvem em acções preventivas;**
- 2. Para descobrir o que nossos filhos fazem só precisamos observar o grupo de adolescentes com os quais os nossos filhos interagem. Para os proteger e monitorizar de forma eficaz requer acções no colectivo e nas esferas individuais, ou seja, tanto em casa como fora da casa.**

Referências

- Alati, R., Maloney, E., Hutchinson, D. M., Najman, J. M., Mattick, R. P., Bor, W. y Williams, G. M. (2010). Do maternal parenting practices predict problematic patterns of adolescents alcohol consumption? *Addiction, 105*, 872-880.
- Alhalabí-Díaz, S., Secades-Villa, R., Perez, J. M. E., Fernandez-Hermida, J. R., Garcia-Rodriguez, O., & Crespo, J. L. C. (2006). Family predictors of parent participation in an adolescent drug abuse prevention program. *Drug and Alcohol Review, 25*(4), 327-331. doi: 10.1080/09595230600741149
- Bachman, J. G., O'Malley, P. M., Schulenberg, J. E., Johnston, L. D., Fredman-Doan, P. y Messersmith, E. E. (2008). *The education-drug use connection*. Nueva York: Lawrence Erlbaum Associates.
- Becoña E, Martínez U, Calafat A, Juan M, Fernández-Hermida JR, Secades-Villa R. (2012) Parental styles and drug use: A review. *Drugs: education, prevention and policy, 19* (1), 1-10. DOI: 10.3109/09687637.2011.631060
- Burke, J. D., Pardini, D. A., & Loeber, R. (2008). Reciprocal relationships between parenting behavior and disruptive psychopathology from childhood through adolescence. *J Abnorm Child Psychol, 36*(5), 679-692. doi: 10.1007/s10802-008-9219-7
- Burkhart, G. (2011) Environmental drug prevention in the EU. Why is it so unpopular? *Adicciones, 2011* · Vol. 23 Núm. 2 · Págs. 87-100
- Calafat, A., Juan, M. y Duch, M. A. (2009). Intervenciones preventivas en contextos recreativos nocturnos: revisión. *Adicciones, 21* (4), 387-414.
- Calafat, A., Juan, M., Becoña, E., Castillo, A., Fernández, C., Franco, M., Pereiro, C. y Ros, M. (2005). El consumo de alcohol en la lógica del botellón *Adicciones, 17* (3), 193-202.
- Chassin, L., Presson, C. C., Rose, J., Sherman, S. J., Davis, M. y Gonzalez, J. L. (2005). Parenting style and smoking-specific parenting practices as predictors of adolescent smoking onset. *Journal of Pediatric Psychology, 30*, 333-344.
- Choquet, M., Hassler, C., Morin, D., Falissard, B. y Chau, N. (2007). Perceived parenting styles and tobacco, alcohol and cannabis use among French adolescents: gender and family structure differentials. *Alcohol & Alcoholism, 43*, 73-80.
- Cleveland, M.J.; Feinberg, M.E., Osgood, D.W., & Moody, J. (2012) Do Peers' Parents Matter? A New Link Between Positive Parenting and Adolescent Substance Use. *J. Stud. Alcohol Drugs, 73*, 423-433.
- Copello, A. G., Velleman, R. D. B. y Templeton, L. J. (2005). Family interventions in the treatment of alcohol and drug problems. *Drug and Alcohol Review, 24*, 369-385.
- Crouter, A. C., & Head, M. R. (2002). Parental monitoring and knowledge of children. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Vol. 3: Being and becoming a parent (2nd ed.)*(pp. 461-483). Mahwah, N.J.: Erlbaum.
- Dishion, T. J., & McMahon, R. J. (1998). Parental monitoring and the prevention of child and adolescent problem behavior: a conceptual and empirical formulation. *Clin Child Fam Psychol Rev, 1*(1), 61-75.
- Faggiano, F., Vigna-Taglianti F (2008) Drugs, Illicit –Primary Prevention Strategies. *International Encyclopedia of Public Health, First Edition* , vol. 2: 249-265
- Fernandez Hermida, J. R., Secades Villa, R., Vallejo Seco, G., & Errasti Perez, J. M. (2003). Evaluation of what parents know about their children's drug use and how they perceive the most common family risk factors. *J Drug Educ, 33*(3), 337-353.
- Fernández-Hermida JR, Calafat A, Becoña E, Tsertsivadze A and Foxcroft DR. (2012) Assessment of Generalizability, Applicability, and Predictability (GAP) for evaluating external validity in studies of universal

family-based prevention of alcohol misuse in young people: systematic methodological review of randomized controlled trials. *Addiction*, DOI: 10.1111/j.1360-0443.2012.03867.x.

Gosselt, J.F., Van Hoof, J.J. and De Jong DT (2012), Why should i comply? Sellers' accounts for (non-) compliance with legal age limits for alcohol sales. In *Substance Abuse Treatment, Prevention, and Policy*, 7:5 <http://www.substanceabusepolicy.com/content/7/1/5>

Green, A. E., Bekman, N. M., Miller, E. A., Perrott, J. A., Brown, S. A., & Aarons, G. A. (2011). Parental awareness of substance use among youths in public service sectors. *J Stud Alcohol Drugs*, 72(1), 44-52.

Griffin, K. W. yBotvin, G. J. (2010). Evidence-based interventions for preventing substance use disorders in adolescents. *Child and Adolescent Psychiatry Clinic of North America*, 19, 505-526.

Hibell, B., Guttormsson, U., Ahlström, S., Balakireva, O., Bjarnason, T., Kokkevi, A., Kraus, L. (2009) The 2007 ESPAD Report. Substance Use among Students in 35 European Countries. The Swedish Council for Information on Alcohol and Other Drugs (CAN). www.espad.org

Hill, L. G., Goates, S. G., & Rosenman, R. (2010). Detecting selection effects in community implementations of family-based substance abuse prevention programs. *American Journal of Public Health*, 100(4), 623-630.

Hughes K, Quigg Z, Bellis M, Calafat A, Van Hasselt N, Kosir M, Voorham L, Goossens F, Duch M and Juan M . (2012) Drunk and Disorganized: Relationships between Bar Characteristics and Customer Intoxication in European Drinking Environments. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, 9 (11) ,doi: 10.3390/ijerph9114068.

Hughes, K., Quigg, Z., Eckley, L., Bellis, M., Jones, L., Calafat, A., Kosir, M. & Van Hasselt, N. (2011) Environmental factors in drinking venues and alcohol-related harm: the evidence base for European intervention *Addiction*, 106 (Suppl. 1), 37–46. doi:10.1111/j.1360-0443.2010.03316.

Huure, T., Lintonen, T., Kaprio, J., Paldonen, M., Marttunen, M. y Aro, H. (2010). Adolescent risk factors for excessive alcohol use at age 32 years. A 16-year prospective follow-up study. *Social Psychiatry Epidemiology*, 45, 125-134.

Kandel, DB (1996) The parental and peer contexts of adolescent deviance: An algebra of interpersonal influences *Journal of Drug Issues*, 26, 289-315)

Kerr, M., & Stattin, H. (2003). Parenting of adolescents: Action or reaction? In A. C. Crouter & A. Booth (Eds.), *Children's influence on family dynamics* (pp. 121-151). Mahwah, N.J.: Erlbaum.

Kerr, M., Stattin, H., & Burk, W. J. (2010). A reinterpretation of parental monitoring in longitudinal perspective. *Journal of Research on Adolescence*, 20, 39-64.

Laird, R. D., Pettit, G. S., Bates, J. E., & Dodge, K. A. (2003). Parents' monitoring-relevant knowledge and adolescents' delinquent behavior: evidence of correlated developmental changes and reciprocal influences. *Child Dev*, 74(3), 752-768.

Laird, R., Marrero, M. D., & Sherwood, J. K. (2010). Developmental and interactional antecedents of monitoring in early adolescence. In V. Guilamo-Ramos, J. Jaccard & P. Dittos (Eds.), *Parental monitoring of adolescents: Current perspectives for researchers and practitioners* (pp. 39-66). New York: Columbia University Press.

Lee, R. (2012) Community Violence Exposure and Adolescent Substance Use : Does Monitoring and Positive Parenting Moderate Risk in Urban Communities? *Journal of Community Psychology*, 40 (4), 406-421. Doi: 10.1002/cop.20520

Moore, G. F., Rothwell, H. y Segrott, J. (2010). An exploratory study of the relationship between parental attitudes and behaviour and young people's consumption of alcohol. *Substance Abuse Treatment, Prevention, and Policy*, 5, 6.

OEDT (2010) encuesta estatal sobre uso de drogas en estudiantes de enseñanzas secundarias (ESTUDES), 1994-2008. Bajada de <http://www.pnsd.msc.es/Categoria2/observa/pdf/Estudes2008.pdf>

Oliva, A. y Parra, A. (2004). Las relaciones familiares y sus cambios durante la adolescencia. En E. Arranz, *Familia y desarrollo psicológico* (pp. 97-123). Madrid: Pearson Educación.

Racz, S. J., & McMahon, R. J. (2011). The relationship between parental knowledge and monitoring and child and adolescent conduct problems: a 10-year update. *Clin Child Fam Psychol Rev*, 14(4), 377-398. doi: 10.1007/s10567-011-0099-y

Secades Villa, R., & Fernández Hermida, J. R. (2002). Factores de riesgo familiares para el uso de drogas: Un estudio empírico español. In J. R. Fernández Hermida & R. Secades Villa (Eds.), *Intervención familiar en la prevención de las drogodependencias*. Madrid: Ministerio del Interior. Secretaría General Técnica. Plan Nacional sobre Drogas

Spoth, R., Trudeau, L., Guyll, M., Shin, Ch. y Redmond, C. (2009). Universal intervention effects on substance use among young adults mediated by delayed adolescent substance initiation. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 77, 620-632.

Sumnall, H., Bellis, M., Hughes, K., Calafat, A., Juan, M. and Mendes, F. (2010). A choice between fun or health? Relationships between nightlife, substance use, happiness and mental well-being. *Journal of Substance Use*, 15(2): 89–104.

Van Der Vorst, H., Engels, R., Meeus W., Dekovic M., Van Leeuwe J. (2005) The role of alcohol-specific socialization in adolescents' drinking behavior. *En Addiction* 100: 1464-1476

Van der Vorst, H.; Engels, R.C.M.E; Meeus, W; and Dekovic, M. (2006) The impact of alcohol-specific rules, parental norms about early drinking and parental alcohol use on adolescents' drinking behavior. *Journal of Child Psychology and Psychiatry* 47(12):1299–1306,

Velleman, R. D. B., Templeton, L. J. y Copello, A. G. (2005). The role of the family in preventing and intervening with substance use and misuse: A comprehensive review of family interventions, with a focus on young people. *Drug and Alcohol Review*, 24, 93-109.

WEBER, Max (2005), Três tipos de poder e outros escritos, Tribuna da História, Lisboa in http://www.lusosofia.net/textos/weber_3_tipos_poder_morao.pdf

Williams, R. J., McDermit, D. R., Bertrand, L. D., & Davis, R. M. (2003). Parental awareness of adolescent substance use. *Addict Behav*, 28(4), 803-809. doi: S0306460301002751.

Willoughby, T., & Hamza, C. A. (2011). A longitudinal examination of the bidirectional associations among perceived parenting behaviors, adolescent disclosure and problem behavior across the high school years. *J Youth Adolesc*, 40(4), 463-478. doi: 10.1007/s10964-010-9567-9

Collaborating institutions

EPA- EU

European Parents Association



<http://www.epa-parents.eu/>

EMCDDA-EU

European Monitoring Centre for Drugs
and Drug Addiction



<http://www.emcdda.europa.eu/>

Escola Básica 2/3 Eugénio de Castro

Escola Básica Rainha Santa Isabel (Pedrulha)

Escola Secundária José Falcão

Escola Secundária D. Dinis

Escola Secundária D. Duarte

Colégio Rainha Santa Isabel

Associação de Pais da Escola José Falcão

Escola Superior de Enfermagem de Coimbra

Associação Existências

Centro de Saúde de Eiras

Direção Regional da Saúde – Governo Regional dos Açores